

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br



Adiamento do encontro de Tarcísio com Bolsonaro frustra a Faria Lima

No começo da semana, na bolsa de apostas da Faria Lima, acreditava-se que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, teria uma conversa decisiva com o ex-presidente Jair Bolsonaro durante uma visita previamente agendada e autorizada pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). A expectativa era de que o gesto — embora apresentado como manifestação de solidariedade pessoal — carregasse um significado político mais profundo: abrir uma janela para rearranjo da direita na disputa presidencial e, sobretudo, reanimar a esperança do mercado de que ainda existe um caminho eleitoral capaz de derrotar Lula sem recorrer ao bolsonarismo “raiz”.

Nos bastidores da política paulista, circulava a versão de que Tarcísio tentaria convencer Bolsonaro de que uma candidatura apoiada diretamente pelo clã — com o senador Flávio Bolsonaro ou mesmo com Michelle Bolsonaro na vice — seria “imbatível” contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao contrário, argumentariam esses setores, um nome identificado de forma integral com o bolsonarismo aumentaria a rejeição e dificultaria a construção de uma maioria eleitoral que ultrapasse a base conservadora militante, impedindo a atração de segmentos do centro e do centro-esquerda que rejeitam Lula e se dispõem a votar em um candidato de direita sem o estilo bolsonarista.

Esse raciocínio alimenta, há meses, o sonho da elite econômica: uma frente de centro-direita capaz de se articular, sobretudo em segundo turno, agregando o apoio de outras lideranças com densidade regional, como os governadores Ronaldo Caiado (GO), Ratinho Junior (PR), Eduardo Leite (RS) e Romeu Zema (MG) — a maioria, inclusive, podendo entrar na aliança já no primeiro turno para ampliar o leque oposicionista. O problema é que as pesquisas vêm mostrando que essa tese tem dificuldades crescentes para se materializar: o campo antipetista não se dispersa de forma “racional”, mas se organiza por identidade, comando e pertencimento político.

A pesquisa Quaest da semana passada apontava justamente essa contradição: ao mesmo tempo em que sinalizava a inviabilidade prática de uma terceira via competitiva, reforçava a expectativa de reeleição de Lula diante de um adversário polarizador. Foi nesse ambiente que a pesquisa AtlasIntel/Bloomberg, divulgada ontem, caiu como um banho de água fria no sonho da Faria Lima, hoje com um olho na crise do Banco Master e outro no cálculo eleitoral.

Ao consolidar o peso de Flávio Bolsonaro como principal nome da oposição e ao retratar a manutenção de Lula na liderança, o levantamento reforçou um diagnóstico incômodo: a direita pode até ter nomes mais competitivos no plano administrativo, mas o bolsonarismo continua sendo o centro gravitacional do voto oposicionista. E, sem uma decisão política de Jair Bolsonaro, não há “engenharia” de mercado capaz de impor um candidato alternativo.

Turma do funil

O adiamento da visita de Tarcísio a Bolsonaro ampliou o mal-estar entre ambos e frustrou ainda mais as expectativas. A conversa estava autorizada por Alexandre de Moraes e ocorreria nesta quinta-feira, entre 8h e 10h. Mais cedo, o próprio governador havia confirmado o encontro, com um discurso cuidadosamente desenhado para transmitir lealdade e afeto: disse que iria visitar “um grande amigo”, manifestar solidariedade, oferecer apoio e reforçar que Bolsonaro “sempre poderá contar” com ele.

Na política, frases afetivas cuidadosas quase sempre carregam segundas intenções: tratava-se de um gesto público que poderia ser interpretado como tentativa de reaproximação, reafirmação de compromisso, ou até como ensaio de reposicionamento. Seria a primeira visita de Tarcísio a Jair Bolsonaro desde que o ex-presidente confirmou, em carta, o apoio à pré-candidatura de Flávio Bolsonaro à Presidência da República. Antes desse anúncio, a possibilidade de Tarcísio ser o candidato da direita circulava com intensidade, alimentada pelo desempenho do governador paulista em São Paulo e pela percepção de que ele poderia ser mais competitivo contra Lula em segundo turno.

O problema é que a carta de Bolsonaro mudou o rumo da prosa: oficializou a candidatura de Flávio e faz de qualquer alternativa uma espécie de deslealdade. A visita, por isso, serviria para medir se existe espaço para flexibilizar a decisão do ex-presidente ou, no mínimo, reabrir as negociações. O que os números recentes indicam é que não existe argumento “robusto” o suficiente para demover Bolsonaro.

Flávio pode não ter perfil de administrador e não transmitir ao mercado a mesma previsibilidade de Tarcísio, mas é um político com mais experiência no Congresso e, sobretudo, com a chancela do pai — que segue como principal operador de unidade do campo bolsonarista. A capacidade de transferência de votos, mobilização de base e pressão sobre o sistema político permanece impressionante. Na prática, Bolsonaro continua inegável, mas plenamente ativo como árbitro da direita, dono de um capital político que nenhum governador ou empresário consegue neutralizar.

O mercado reage à viabilidade, governabilidade e risco de cada candidatura de oposição: Lula líder; Flávio consolida-se como segundo polo; a alternativa “moderada” não encontra mecanismo de construção. A reação da Faria Lima é ambígua: deseja uma candidatura com menor rejeição, porém percebe o funil identitário que reduz as margens de manobra.

PODER

Liquidação do banco pode ter efeito no BRB

Banco de Brasília tem R\$ 1,75 bilhão em ativos do Will Bank e deve precisar de aportes

» GABRIEL BOTELHO

A liquidação do Will Bank, que integra o conglomerado do Banco Master, feita pelo Banco Central, pode causar impacto no Banco de Brasília (BRB). Documentos mostram que a instituição de Daniel Vercaro cedeu R\$ 1,75 bilhão em ativos do Will Bank para o banco da capital federal. As informações são do *O Estado de S.Paulo*. De acordo o jornal, a manobra teria sido realizada para compensar R\$ 12,2 bilhões em carteiras de crédito podre vendidas ao BRB.

O liquidante do Banco Master, com o processo já em andamento do Will, terá de conferir os contratos feitos durante a negociação, para que possa determinar se realmente pertencem ao BRB ou se serão direcionados ao Fundo Garantidor de Créditos (FGC).

O BRB precisará comprovar que os ativos pertencem a ele. Caso contrário, verá aumentar a necessidade de aportes feitos pelo Governo do Distrito Federal (GDF), controlador do banco brasileiro. Dessa forma, cumprirá as regras do índice de Basileia, indicador responsável por medir a saúde financeira das instituições.

Caso os ativos do Will Bank ainda não pertençam ao BRB, será preciso fazer uma provisão ou dar baixa no balanço financeiro. Isso forçaria um aporte ou uma venda de outros ativos, para reforçar o patrimônio. Se uma liquidação bancária tomar forma, o FGC será

Reprodução/Adriano Machado



O BRB precisará comprovar que os ativos no Will Bank, liquidado pelo Banco Central, pertencem a ele

obrigado a honrar as obrigações do banco em até R\$ 250 mil por CPF.

Segundo o jornal, um documento datado de julho de 2025 mostra que existem R\$ 600 milhões em crédito rotativo do Will cedidos ao Banco Master. Esse valor, no entanto, já estaria liquidado. Outros R\$ 500 milhões estariam em liquidação. O BRB não se pronunciou até o fechamento desta edição.

Em meio ao imbróglio envolvendo a liquidação extrajudicial do Will Bank, a Mastercard executou garantias de dívidas para assumir o controle de parte do capital social da varejista on-line de móveis Westwing e do BRB.

Na Westwing, a bandeira de

cartões obteve 3.540.768 ações, o equivalente a 31,87% do capital social da empresa, mas informou que não pretende exercer os direitos políticos vinculados à participação.

A multinacional também adquiriu 33.684.706 papéis do BRB, ou 6,93% do banco público, também sem intenção de produzir alteração no controle acionário.

Segurança

Em nota, a Mastercard informou que mantém diferentes tipos de garantias de seus participantes, entre elas ações, como parte da gestão de risco enquanto pagamento regulado. “Essas garantias

têm como finalidade exclusiva assegurar o cumprimento de obrigações de pagamento por parte dos emissores em caso de inadimplemento”, explicou.

Na terça-feira, a Mastercard deixou de aceitar compras feitas por cartões de crédito do Will Bank, do qual é um dos principais credores.

Em resposta, o Banco Central decretou a liquidação extrajudicial da fintech, cujo controlado, o Banco Master Múltiplo, estava sob Regime de Administração Especial Temporária (Raet).

A instituição havia ficado de fora da liquidação do Master, porque havia a possibilidade de uma venda para outro grupo. (Com Agência Estado)

PGR deve apoiar Toffoli

» LUANA PATRIOLINO

Acionado pela oposição para avaliar uma eventual suspeição do ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF), no caso do Banco Master, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, deve se manifestar, nos próximos dias, contra o afastamento do magistrado da relatoria da ação. A expectativa é de que o chefe do Ministério Público Federal mantenha a posição para evitar um desgaste com a Corte, que tenta driblar as críticas sobre a conduta de Toffoli.

A atuação do ministro no processo sobre as fraudes do Master tem sido alvo de questionamentos. Além da sequência de recuos dele em decisões sobre o caso e as acusações de que tem interferido na autonomia da Polícia Federal na investigação, críticos ressaltam a suposta ligação da família do magistrado com Daniel Vercaro, dono do Banco Master.

Nesta semana, o senador Eduardo Girão (Novo-CE) solicitou à PGR a instauração imediata de procedimento investigatório para apurar as irregularidades apontadas e “análise técnica independente sobre possíveis conflitos de interesse e impedimentos que deveriam afastar o ministro Toffoli das investigações relacionadas ao Banco Master”.

Girão questionou uma decisão segundo a qual os materiais apreendidos na investigação fossem lacrados e mantidos sob custódia direta do Supremo, sem a realização de perícia técnica prévia pela PF. Em meio à repercussão negativa, Toffoli autorizou que a polícia também tivesse acesso às provas. Para o parlamentar, mesmo após o recuo do ministro, a decisão foi “absolutamente excepcional” e desrespeitou regras do processo penal ao retirar da corporação a análise técnica.

Também são apontados possíveis conflitos de interesse. O jornal *Estado de S. Paulo* revelou que o cunhado de Vercaro, Fabiano Zettel, fez aportes financeiros por meio de um fundo de investimentos no resort pertencente aos irmãos do ministro do STF.



Leis que melhoram a vida e promovem um futuro melhor para o Distrito Federal.

Câmara Legislativa. O que transforma cada novo ano é o trabalho que fazemos todos os dias.

A Câmara Legislativa atua o ano inteiro criando leis que fortalecem a convivência, protegem direitos, ampliam o acesso à saúde, incentivam o desenvolvimento econômico, combatem o preconceito e ajudam a construir um futuro melhor para todos. Porque cada novo ano só melhora quando todos trabalham pelos mesmos objetivos. É isso o que a Câmara Legislativa faz todos os dias.

